



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
PLANO AÇÕES ARTICULADAS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA
EDUCAÇÃO BÁSICA – PARFOR
CURSO DE PEDAGOGIA**

DIANA NASCIMENTO DA CRUZ

**MÉMOIAS ACADÊMICAS E O PROCESSO DE FORMAÇÃO
RESSIGNIFICANDO MINHAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

**ABAETETUBA-PARÁ
2018**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
PLANO AÇÕES ARTICULADAS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA
EDUCAÇÃO BÁSICA – PARFOR
CURSO DE PEDAGOGIA**

DIANA NASCIMENTO DA CRUZ

**MEMÓRIAS ACADÊMICAS E O PROCESSO DE FORMAÇÃO
RESSIGNIFICANDO MINHAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

Trabalho Acadêmico de Conclusão de Curso-
Memorial de Formação-apresentado à
Universidade Federal do Pará, como requisito
parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena
em Pedagogia– ofertada pelo Plano Nacional de
Formação de Professores da Educação Básica-
PARFOR, sob a orientação da professora MS.
Edinéa Bandeira Ribeiro

**ABAETETUBA-PARÁ
2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C955m Cruz, Diana Nascimento da.
Memórias acadêmicas e o processo de formação
ressignificando minhas práticas pedagógicas / Diana Nascimento
da Cruz. — 2018.
47 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^ª. MSc. Edinéa Bandeira Ribeiro
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Pedagogia, Abaetetuba, 2018.

1. Memória. 2. Prática pedagógica e Formação docente. I.
Título.

CDD 370

DIANA NASCIMENTO DA CRUZ

**MEMÓRIAS ACADÊMICAS E O PROCESSO DE FORMAÇÃO
RESSIGNIFICANDO MINHAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

Trabalho Acadêmico de Conclusão de Curso-
Memorial de Formação-apresentado à
Universidade Federal do Pará, como requisito
parcial à obtenção do título de Licenciatura Plena
em Pedagogia– ofertada pelo Plano Nacional de
Formação de Professores da Educação Básica-
PARFOR, sob a orientação da professora MS.
Edinéa Bandeira Ribeiro

Orientadora:

Prof.^a Mestranda Edinéa Bandeira Ribeiro

Avaliador:

Prof.^o Afonso Welington de Souza Nascimento

Avaliadora:

Prof.^a Maria do Socorro Vasconcelos Pereira

**ABAETETUBA-PARÁ
2018**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus que sempre foi meu alicerce durante mais esta etapa da minha vida. À minha família. E a todos que me ajudaram nesse processo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me dado força e sempre me ensinado o caminho que deveria seguir.

Aos meus pais Paula Cardoso do Nascimento e David Sampaio da Cruz, que me ajudaram nesse processo da minha vida.

As minhas irmãs Daniele, Deiziane e Denilza que sempre insistiram comigo nessa luta.

Aos meus irmãos José Luiz, Davi Junior, Jobson, Jeferson, Jeremias, Jerison e João Batista.

Ao Durval, Antônio Geraldo, Nádia dos Santos e Pablo Duarte, que foram pessoas que me ajudaram no começo dessa trajetória acadêmica.

Ao meu amigo e colega Walbert Rodrigues que me ajudou durante esses quatro anos de universidade.

Aos professores e professoras formadores que com seus conhecimentos, cada um conseguiu colaborar no meu processo de formação.

A minha professora e orientadora Edinéa Bandeira, que teve paciência e compreensão no meu trabalho e acreditou na minha capacidade.

Aos meus alunos, por me permitirem ensinar e aprender com eles.

A todas as pessoas da Universidade Federal do Pará e ao seu corpo docente, que me proporcionaram um ensino de qualidade, acreditando sempre no meu potencial.

Agradeço por todos que nesta longa trajetória de minha vida acadêmica contribuíram para mais essa caminhada árdua e gratificante.

RESUMO

Este trabalho tem por razão elaborar um memorial de formação docente abordando pontos relevantes da história de vida estudantil, profissional e acadêmica de Diana Nascimento da Cruz, com objetivo de descrever lembranças desde os primeiros contatos da vida escolar, profissional e desde o início do meu ingresso no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, ofertado pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica-PARFOR, no Campus Universitário de Abaetetuba da universidade Federal do Pará. Reflete minhas mudanças, principalmente nas minhas práticas pedagógicas, com os conhecimentos adquiridos durante o período de formação docente, diante de uma nova compreensão de teorias e concepções educacionais do pedagogo. Nesse sentido, a conclusão do curso de Pedagogia contribuiu para aquisição da compreensão multidimensional da educação.

Palavra Chave: Memória, Prática pedagógica e formação docente.

ABSTRACT

This work has as reason to elaborate a memorial of teacher education addressing relevant points of the student, professional and academic life history of Diana Nascimento da Cruz, with the purpose of describing memories from the first contacts of the school life, professional and from the beginning of my entrance in the course of Full Degree in Pedagogy, offered by the National Plan for the Training of Basic Education Teachers- PARFOR, at the University Campus of Abaetetuba of the Federal University of Pará. Reflects my changes, mainly in my pedagogical practices, with the knowledge acquired during the period of teacher education, in the face of a new understanding of pedagogical theories and educational conceptions. In this sense, the conclusion of the Pedagogy course contributed to the acquisition of the multidimensional understanding of education.

Key words: Memory, Pedagogical practice and teacher training.

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO	09
2-VIDA ESTUDANTIL: DO ENSINO FUNDAMENTAL AO NIVEL MÉDIO.....	10
3- HISTÓRIA PROFISSIONAL - A BUSCA POR UM SONHO.....	20
4- FORMAÇÃO ACADÊMICA: A REALIZAÇÃO DE UM SONHO.....	40
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45

1-INTRODUÇÃO

Este memorial de formação docente, sob o título “Memórias acadêmicas e o processo de formação ressignificando minhas práticas pedagógicas”, requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia- habilitação para educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental tem como objetivo reescrever minha história estudantil, profissional e formação acadêmica, que se deu por meio do Plano Nacional de Formação de Professores (PARFOR), na Universidade Federal do Pará.

Escrevê-lo é trazer para o presente, momentos que passaram despercebidos que não dei importância e aqueles que jamais esqueci que vivenciei em diferentes situações e nas diversas etapas da minha vida. Este momento para mim é especial, gratificante, porque é a primeira vez que vou falar da minha história desde a infância até a formação acadêmica. Como educadora sempre procurei conhecer a vida dos outros, não dando valor devido as minhas experiências empíricas.

Este memorial acadêmico está dividido em três capítulos. Onde no primeiro capítulo, aborda a história de vida desde a educação infantil até o ensino médio. No segundo, vida profissional, como me tornei professora. No terceiro, formação acadêmica.

Portanto, este trabalho resulta de lembranças da minha vida educativa e de excelentes obras literárias que estudei durante o curso que corroboraram para o engrandecimento das experiências profissionais como docente. Os autores citados me deram fundamentação nos meus conhecimentos pessoais e também destacando o que me pareceu mais significativo e importante durante o curso.

2-VIDA ESTUDANTIL: DO ENSINO FUNDAMENTAL AO NÍVEL MÉDIO

Escrever este memorial de formação docente significou resgatar minha história estudantil desde o momento que dei os primeiros passos na vida escolar, passando pela minha vida profissional até chegar a acadêmica. Nasci no ano de 1988 na Comunidade Camurituba Centro, em uma localidade humilde, chamada Vila São Tomé, situado a 35KM da cidade de Moju-PA, zona rural. Sendo um povoado de aproximadamente com quarenta famílias, onde resido até hoje com minha família.

Somos uma família composta de treze membros, meu pai, minha mãe, eu e mais dez irmãos, sendo sete meninos e quatro meninas. Família simples e humilde do campo, mas unida e trabalhadora. Meus pais sempre tiveram o cuidado de matricular e acompanhar nossa vida escolar, pois para eles a escola seria o espaço que contribuiria na educação e desenvolveria nossos conhecimentos principalmente na área da leitura e a escrita. Minha mãe cursou até a 4ª série, meu pai, a oitava série, porém mesmo não tendo a oportunidade de dar continuidade aos estudos, tiveram a preocupação com a educação dos filhos.

Minha história estudantil deu-se no ano de 1995, aos seis anos de idade, na escola São Tomé, localizada na própria Comunidade onde moro. Ia junto com meus três irmãos; Jeremias, Jerison e João. Eu não era matriculada na turma, porque nesse período tinha que ter sete anos completos, para cursar a primeira série. Todavia estudei encostada neste ano.

A escola nesse período funcionava no espaço do Centro Comunitário, era um lugar grande e aberto. Tive muitos problemas, pois além de ser uma turma multisseriada¹ a professora parecia não se importar com a educação dos estudantes.

Tenho poucas lembranças dessa fase da minha vida: recordo-me da professora que se chamava Jací, uma pessoa meiga, amável comigo. Porém a maneira que ela tratava meus irmãos e os outros colegas, me deixaram-me marcas desagradáveis nesse período.

Um outro fato que marcou, eram quando os alunos pediam ajuda nos trabalhos e ela não se prontificava em ajudá-los. Além do mais, respondia que tinham que se virar para aprenderem, pois o que sabia já era o suficiente para ela. Se houvesse alguma dúvida não podiam perguntar e nem questionar nada, porque diria aos seus pais, que estariam sendo

¹ As escolas multisseriadas são marcadas pela heterogeneidade, ao reunir em uma única sala de aula estudantes de diferentes idades, por vezes até gerações, diferentes séries, ritmos de aprendizagem, alfabetizados e não alfabetizados, sob a responsabilidade de um único professor ou professora, por isso são dominadas de unidocentes.(HAGE 2002,s/p)

desobedientes com ela. Por conta desses e inúmeros outros problemas meus pais resolveram nos mudar de escola.

Diante da situação, meus pais resolveram no ano de 1996 nos transferir para a escola São Lázaro, que era mais longe de onde morávamos, localizada na Comunidade São João Batista. Estudei até o ano de 1999 e cursei a quarta série do ensino fundamental.

No início as aulas eram realizadas na casa da professora, um ano depois fomos remanejados para um barracão de madeira, que também era o Centro Comunitário. Até a construção da Escola.

A escola possuía apenas uma sala de aula, uma cozinha e uma secretaria. lembro-me da minha professora, chamava-se Justina, desenvolvia suas atividades com compromisso e amor. Ela se dedicava em atender a todos os alunos, no entanto, impossível, pois era uma turma multisseriada. A escola funcionava em dois turnos, pela manhã eram ministradas aulas para as 1ª e 2ª séries e pela tarde 3ª e 4ª séries, além dos encostados, que não tinham idade de serem matriculados.

Com relação as propostas oferecidas pela professora, as técnicas utilizadas eram baseadas fortemente na pedagogia tradicional, nas quais a prática comum, é relacionar gravuras com as letras iniciais das palavras, como também ligar pontinhos para formar as letras e os números.

A metodologia de ensino baseava-se em atividades de ditados e memorizações, cópias principalmente, da tabuada. Também eram utilizadas as cartilhas do ABC. Acreditava-se que por meio da prática da repetição, levariam os alunos à aprendizagem mais facilitada. Acredito que a prática da repetição não contribui muito com a aprendizagem das crianças. Para Zabala (1988, p. 89).

A perspectiva 'tradicional' atribui aos professores o papel de transmissores de conhecimentos e controladores dos resultados obtidos. O aluno, por sua vez, deve interiorizar o conhecimento tal como lhe é apresentado, de maneira que as ações habituais são a repetição do que se tem que aprender e o exercício entendido como cópia do modelo até que seja capaz de automatizá-lo.

Segundo a tendência pedagógica tradicional, onde o aluno é visto como um mero receptor de informações, o que vale é apenas o conhecimento do professor. O seu pensamento não é levado em consideração em sala de aula, desvalorizando bem como, seu senso crítico.

Foi um período importante, mas desenvolvi minhas habilidades apenas na área da escrita, a leitura que era meu maior desejo eu não conseguia. Pois conhecia as letras do alfabeto, mas não conseguia juntar e formar palavras e isso me inquietava.

Para mim a fase da alfabetização foi muito difícil, porque eu só cobria e copiava, retirava do livro didático ou copiava do quadro. Como a turma multisseriada, a professora não conseguia acompanhar todos. De acordo com Hage (2002, s/p)

Sob essa lógica, é muito comum presenciarmos na sala de aula de uma escola ou turma multiseriada os docentes conduzirem o ensino a partir da transferência mecânica de conteúdos aos estudantes, sob forma de pequenos trechos, como se fossem retalhos dos conteúdos disciplinares, extraídos dos livros didáticos a que conseguem ter acesso, muito deles bastantes ultrapassados e distantes da realidade do meio rural, os quais são repassados através da cópia ou da transcrição no quadro, utilizando-se da fragmentação do espaço escolar com a divisão da turma em grupos, cantos ou fileiras seriadas, como se houvesse várias salas em uma, separadas por “paredes invisíveis”. (HAGE, 2002, S/p.)

Na maioria das escolas do campo, é comum presenciarmos nas salas de aulas os conteúdos sendo repassados de maneira mecânica, não por culpa dos professores e por vários fatores como: turmas multisséries, um único professor, alunos com várias necessidades, entre outros e isso acarreta o trabalho dos mesmos, que tem que fazer vários planos de aula. Além de que o professor exerce outras funções, além de professor.

Quando estava na segunda série, ao final do ano letivo, minhas colegas que estudavam comigo, já sabiam ler e eu não. Decidi que estudaria até conseguir. Ao chegar em casa, decidi usar minha cartilha do ABC, junto com que copiava todos os dias para estudar, até memorizar as sílabas e formar as palavras. E lia e relia tudo até gravar na minha memória. Contrariando o que afirma Freire (1996, p. 62)

Aprender a ler e escrever não significa memorização de sílabas, palavras ou frase, mas refletir criticamente sobre esse processo e sobre o verdadeiro significado da linguagem.

A fase de alfabetização foi muito difícil. Independente das disciplinas seja de matemática, língua portuguesa, ciências, história e geografia e estudos sociais, os conteúdos eram trabalhados de acordo com que os livros ofereciam e de forma tradicional. As aulas me deixavam apreensivas, porque na sua maioria não compreendia os conteúdos abordados.

Lembro-me que todas as aulas, eu ia junto com quatro colegas de série, para um corredor ao lado da cozinha e ficávamos copiando o conteúdo, todos os dias era a mesma coisa, independente da disciplina.

As avaliações eram trimestrais, as vezes era prova para reescrever, ligar, enumerar ou completar, ou avaliado o que copiávamos diariamente, sempre valia a nota máxima, a maioria das provas tinha dez questões, cada uma valendo um ponto, não se levava em consideração conceito, frequência, participação ou trabalho.

Não lembro durante esse período, de fazer alguma atividade em que eu produzisse algo relacionado ao desenho, pintura ou as brincadeiras. De acordo com Cruz e Fontana (1997, p. 118).

Brincar e desenhar são atividades fundamentais da criança. Ela brinca e desenha na rua, em casa na escola. Pela brincadeira e pelo desenho, ela fala, pensa, elabora sentidos para o mundo, para as coisas, para as relações. Pela brincadeira, objetos e movimentos são transformados. As relações sócias em que a criança está emersa são elaboradas, vividas compreendidas.

É importante que a educação infantil, proporcione as crianças várias maneiras de brincar, desde que sejam para melhorar suas aprendizagens, de forma criativa, participativa.

Hoje compreendo que, brincando a criança se envolve e com isso acaba se socializando, possibilitando desenvolver capacidades como, concentração, atenção e outras capacidades.

Embora as circunstâncias dissessem que ia ser difícil, continuei perseverante, pois me esforçava o máximo para aprender a ler. Mesmo com uso das técnicas tradicionais e repetitivas que a professora usava naquele período.

Eu era uma criança muito tímida. Então, mesmo que tivesse dúvidas não tinha coragem de perguntar e as minhas dificuldades principalmente na área da leitura só aumentavam a cada dia e a professora nunca deu importância para isso.

Quando se trata de educação se fala de seres humanos diferenciados em suas histórias, em seus processos e em seu tempo, portanto, os ritmos não os "mesmos", as formas de construção de conhecimentos não são as mesmas (ARROYO, 2004, p.52).

Dessa forma, o professor tradicional, com seus métodos convencionais, acaba deixando de lado as dificuldades dos alunos e com isso deixando marcas e situações desagradáveis por um longo tempo.

Naquele período o ensino no campo só funcionava até a 4ª série, por isso, no ano 2000 fui cursar a partir da 5ª série na cidade. Onde estudei até o ensino médio, na Escola Estadual Benvinda de Araújo Pontes, localizada na Travessa Santos Dumont, nº 1315, no bairro São Lourenço, cidade de Abaetetuba. Uma escola que tinha uma estrutura grandiosa, com muitas salas de aulas, diferentemente do havia vivido até aquele momento da minha vida estudantil.

Essa escola para mim, não significava só lugar onde iria estudar, mas também o espaço onde meu pai tinha trabalhado na sua construção. E ele sempre que chegava em casa, dizia que eu e meus irmãos, iríamos estudar lá. Então era uma expectativa a cada ano, quando era aprovada sentia esse sonho chegar mais perto de se realizar e foi exatamente o que aconteceu.

A mudança de escola me causou uma certa ansiedade. Ficava imaginando como seria meu primeiro dia de aula, os novos colegas, os professores e como iria reagir diante de minhas dificuldades, principalmente em relação à leitura e à timidez.

No primeiro dia de aula, meu pai foi nos levar para ensinar o caminho e a rotina que iríamos fazer todos os dias, a partir daquele momento. Tínhamos de nos adequar a tudo: aos horários, pois deveríamos acordar as quatro horas da manhã, porque precisaríamos sair de casa as cinco horas. Fazíamos um percurso a pé de aproximadamente dois quilômetros e meio até a PA, para poder apanhar o ônibus escolar que sairia as seis horas da manhã e chegar as sete horas na parada de destino e caminhar até à escola. Saíamos ao meio dia e realizávamos o mesmo percurso todos os dias durante o ano letivo.

Nesse período, era apenas um ônibus escolar, sempre superlotado, onde os alunos ficavam apertados, amontoados, mas era o único jeito se quiséssemos chegar até a escola. Na nossa comunidade não havia energia elétrica, só fomos contemplados no ano de 2005 e os meios de comunicação telefone e celular não dava área na região.

Hoje, percebo a diferença com meus irmãos mais novos. Onde tem transporte escolar na maioria dos ramais da região e passa quase na porta da casa todos os dias para ir buscar e deixar no horário. Em relação a superlotação do transporte escolar, hoje se observa o aumento da clientela de alunos que vem do campo para cidade estudar a cada ano. E os meios de comunicação se tornaram mais fáceis.

Lembro-me que um dia teve um protesto e a pista foi interditada, e na demora da liberação para passagem dos ônibus, meu irmão, eu e mais três colegas, fomos caminhando, para ver se conseguia pegar alguma carona no percurso, difícil. Então saímos por volta de uma da tarde do lugar do protesto e fomos caminhando e chegamos em casa por volta das seis horas. Segundo Hage (2002), destaca que:

[...] as dificuldades de acesso às escolas do campo por parte dos estudantes e professores, as longas distancias e o tempo gasto por eles neste deslocamento, muitas vezes sem a alimentação adequada, as condições de conservação e o tipo de transporte utilizado, as condições de tráfego das estradas, concluímos que a saída do local de residência, ou seja, a mudança da sua comunidade rural para o distrito, vila ou sede municipal, torna-se uma condição o acesso à escola, uma imposição e não uma opção dos estudantes do campo.(HAGE,2002, S/p.)

As dificuldades de nos manter na escola da cidade, era muito grande, mas meus pais faziam o que podiam para que não abandonássemos os estudos. Lembro-me que as condições financeiras não eram boas, então meu pai nos dava toda semana dois reais para cada um e tinha que aguentar a semana toda. Então, guardávamos o dinheiro de uma semana para juntar com o dinheiro da outra e assim fomos levando.

O que me surpreendeu foram as quantidades de disciplinas e o número de professores dentro de sala de aula, pois antes eu tinha apenas uma professora e as disciplinas apenas seis. Eu tentava entender, porque de vez em quando mudava de professor e também a disciplina. Levou um tempo para me acostumar e entender tudo o que estava se passando ao meu redor.

Outra mudança, era em relação aos alunos de uma mesma série, mesmo que eram turmas grandes, a partir desse contexto não convivia com a multissérie como anteriormente. A minha timidez dificultava não somente no desenvolvimento nas aulas, mas também nas minhas amizades, não conseguia conversar e nem me envolver com os outros, achava bonito, ver os colegas de classe conversarem, interagirem uns com os outros e eu sempre no meu cantinho, quieta.

Hoje, percebo que as crianças interagem mais, fazem amizades rápidas com os outros colegas. Acredito que isso se dá ao fato, das brincadeiras, onde elas se envolvem, criam laços de afetividades uns com os outros. De acordo com Oliveira (2002, p.123),

“brincando a criança vai contribuindo os alicerces da compreensão e utilização de sistema simbólico como a escrita, assim com a capacidade e habilidade em perceber, criar, manter e desenvolver laços de afetos e confiança no outro”.

Através da brincadeira a criança, melhora seus laços afetivos e criam amizades desde a infância. E isso contribui no seu processo de ensino aprendizagem. Quando trabalho com meus alunos, procuro sempre brincadeiras que levem eles a aprender de maneira lúdica, onde as crianças nas séries iniciais do ensino fundamental são curiosas.

Nunca tinha apresentado trabalho, jamais tinha lido na frente, lembro-me da professora de português, onde nas suas aulas sempre pedia que escrevesse um texto de como foi nossa noite, ou o percurso até a escola, nossas férias, entre outros. Tinha que escrever e ler, nesses momentos tudo parecia complicado e pensava como ia conseguir realizar.

Como não tinha energia elétrica na minha casa naquele período, utilizava a luz de lamparina ou de vela. Sempre me acordava por volta de umas duas horas da manhã e ia escrever, o meu problema nesse momento não era a escrita e sim a leitura na frente e como eram muitos alunos, a professora sempre perguntava quem queria ler sua produção, e logicamente nunca prontifiquei e o tempo ia passando.

As práticas metodológicas no ensino fundamental da cidade não eram tão diferentes das usadas no campo, mas diante de todo esse quadro os professores mudavam suas práticas pedagógicas e conseguiam desenvolver principalmente minhas habilidades que envolvia a leitura.

Gostei muito de ter estudado nessa escola, até hoje tenho carinho e respeito pelos professores e professoras desse período. Apesar de alguns trabalharem de forma tradicional, outros se destacavam nos seus trabalhos.

Lembro-me de um professor que deu aula, de matemática desde a 5ª série até a 8ª e ele chegava na sala e sempre dizia “hoje eu vou comer sangue” ou “vou comer o corão de vocês hoje” era assustador a fala, apesar de tudo isso, era apenas para amedrontar os alunos bagunceiros.

Na aula dele, todo mundo ficava quieto, sentados em seus lugares, as vezes ele entrava na sala, não dava nem uma saudação aos alunos, deixava o material dele sobre a mesa e ia direto ao quadro copiar o conteúdo.

O que me preocupava era estudar os assuntos, que ele passava, decorar os conteúdos para garantir a nota e não ficar em recuperação ou reprovada na disciplina, já que não tinha bons desenvolvimentos na mesma.

Independente dessas situações foi um bom professor, explicava todos conteúdos, depois fazia sempre uma pequena revisão antes da prova.

No processo de avaliação, era levado em consideração os assuntos copiados no caderno, as atividades resolvidas, frequência e a nota da prova.

Embora sendo um professor com algumas atitudes de uma educação tradicional, no que diz respeito ao processo avaliativo já se fazia uma avaliação mais flexível, ou seja, levava neste processo outras formas de avaliar.

Em relação à disciplina de educação física, não participava das aulas, porque era aluna da estrada, e não tinha, como estudar no turno da manhã e voltar à tarde para aula por conta do tempo e do percurso.

No processo de avaliação dessa disciplina, os professores passavam trabalhos e atividades para resolver e entregar e era dado uma nota. Quando olhava no boletim no final do ano letivo tirava seis, sete, sempre uma nota baixa. Isso me angustiava muito, porque os professores diziam, que era porque não tinha participação, frequência, e aquela nota era só do trabalho.

Mesmo diante de todas as dificuldades, sentia um vazio, tinha vontade de participar das aulas de educação física, não apenas para melhorar minhas notas, mas também pela necessidade de participar junto com meus colegas, onde no dia seguinte da aula, ficavam comentando o que tinha se passado: jogavam bola, basquete, vôlei, futebol, iam para igarapés próximos e outras atividades.

Em relação as práticas pedagógicas usadas pela professora, ela não ficava presa somente ao uso da quadra e dos jogos, diversificava suas aulas, ia além do muro da escola, proporcionando passeios, caminhadas, entre outras.

Acredito que esse desejo, era reflexo da minha timidez, da ausência do brincar na minha infância, logo, via essa aula, como algo que poderia contribuir para melhorar meus desenvolvimentos afetivos com os outros, colegas, professores. Interagindo com o meio.

Percebo essas mudanças nas aulas de educação física dos meus alunos. Ficam animados e se envolvem, brincam, interagem, aprendem. Até porque a minha ação enquanto professora através dos conhecimentos que foi adquirindo ao longo dos meus cursos de formação, principalmente no curso de pedagogia PARFOR, deram-me um leque de informações, que contribuíram para que as minhas aulas se tornassem mais dinâmicas e significativas.

Nas aulas de português, trabalhava a construção e interpretação de texto e muita leitura. No início senti dificuldades, depois foi me identificando e melhorando a cada dia. A professora que me deu aula no ensino fundamental, chamava-se Nazaré e teve um papel importante, porque percebeu que escrevia bem, mas era tímida demais. Então, começou a dialogar e dia após dia, convenceu-me a participar das atividades.

Na ausência dos primeiros horários, para não deixar a turma sem aula, ela mandava o conteúdo e pedia para que eu copiasse no quadro o conteúdo, que ela achava minha letra muito bonita e isso foi me dando coragem e incentivando a vencer o medo e a timidez.

Acredito que isso também me influenciou quando decidi dar aula, ser professora. Pensava nos meus professores que não foram bons e marcaram de forma negativa, mas sempre me espelhei naqueles que deixaram marcas agradáveis e construtoras de conhecimento.

Hoje, percebo que os alunos fazem de seus professores o reflexo de suas ações, as vezes imitam e copiam, então, é preciso ser um bom profissional, está preparado, qualificado para exercer sua função em especial de ser educador.

Quanto a disciplina de inglês, os conteúdos abordados eram: as cores, os números e o verbo To Be e as vezes o professor levava uma música, copiava e cantava junto com a turma várias vezes, até conseguirmos ler e cantar por conta própria. Gostava das aulas, mesmo que tivesse de repetir várias vezes apenas um assunto, depois que memorizava, aquilo ficava gravado e não esquecia, mesmo depois da prova.

A maioria dos conteúdos que estudei, durante o ensino fundamental, depois do processo de avaliação, tinha dificuldade de relembrar com o tempo, como se estivessem sido apagados da minha memória. Percebia isso quando meus irmãos, que estavam em séries que eu já tinha passado, pediam ajuda e não conseguia recordar os assuntos e isso me angustiava.

No processo avaliativo, eu considerava a prova difícil porque havia de marcar a alternativa certa ou errada, ou saber direitinho como estava no caderno, livro ou apostila a resposta, ou então, deveria decorado o assunto. Para Alves (2000, P.29)

[...] E com isto, ao aprender as respostas certas, os alunos desaprendem a arte de se aventurar e de errar, sem saber que para uma resposta certa, milhares de tentativas erradas devem ser feitas.

No período das provas ou de testes que era aplicado, sempre acordava duas horas da manhã, pegava meu caderno e os livros que abordavam sobre o assunto em questão e estudava até conseguir decorar o conteúdo. Ficava nervosa, com medo de errar e tirar notas baixas e assim ficar para recuperar.

Apesar do processo de avaliação ocorrer hoje, na maioria das escolas de forma contínua, onde o aluno não é avaliado somente pela prova ou teste, mas por vários aspectos possíveis de aprendizagem. Vale ressaltar que apesar dessas mudanças, nesse processo, ainda há a avaliação tradicional, onde é avaliado a prova em si.

No ensino médio, enfrentei dificuldades nessa fase e pela primeira vez no primeiro ano fui aprovada após a recuperação e isso deixou de certa forma chateada, então decidi que a partir daquele momento, não iria decorar conteúdos, apenas para fazer a prova e sim apreender e poder ajudar meus irmãos, e outros colegas que se encontrassem em dificuldades de compreender qualquer assunto e os resultados foram satisfatórios a partir desse momento.

Comecei a participar de peças teatrais, feiras de ciências e eventos que a escola proporcionava, para melhorar minha aprendizagem, perder a timidez de expor trabalhos na frente, que nesse período exigia muito e melhorar meu envolvimento com os colegas.

No período de feira de ciências, era um momento muito especial, no qual havia um envolvimento de toda comunidade escolar e a oportunidade de mostrar nossas atividades produzidas dentro de sala de aula, orientadas e acompanhadas por nossos professores. Por meio de demonstrações de experiências, maquetes, conseguíamos adquirir novos conhecimentos, além da oportunidade de melhores notas, nos trabalhos apresentados, que influenciava nas nossas avaliações. Além de apresentar meu trabalho, gostava de observar e conhecer todos os trabalhos que também eram apresentados.

Alunos e colegas de outras escolas iam prestigiar nossos trabalhos e isso me deixava muito feliz. Quase todos os anos participava da feira de ciências, íamos para municipal e não passávamos para Estadual, em 2005 na 5ª feira de ciências, com o tema, “Célula Tronco: o caminho para cura das doenças” nosso trabalho foi selecionado para estadual e fomos representar a escola em Marabá.

Foi algo sem explicação, sentia-me realizada, a professora que estava conosco chama-se Helen Nahum, inesquecível, era excelente, ministrava a disciplina de Biologia para nossa turma. Aconteceu que alguns dias antes de viajar para a cidade do evento, ela teve um problema de saúde e foi substituída pela professora Maria Helena. Foi difícil para meu grupo, mas encaramos. Pois essa não deu importância e dedicação, sentíamos vontade de desistir a todo momento. Ela dizia que nosso trabalho não iria dar certo e não íamos conseguir.

É importante o apoio dos professores aos seus alunos, sempre motivando para melhores resultados, precisamos de profissionais capazes de contribuir e despertar o interesse pelos trabalhos e atividades que eles desenvolvem no dia a dia.

Nas aulas de literatura, identificava muito com a literatura infantil, lia e relia os textos, os quais não compreendia, e isso foi contribuindo para melhorar meu desenvolvimento na área da leitura. A professora que ministrava essa disciplina era paciente, sempre dialogando e tentando ajudar.

Sempre serei muito grata a todos os professores que contribuíram com esse processo da minha vida. Alguns considereei excelentes e tenho admiração e carinho, outros não marcaram tanto, porém não deixaram de ser importante para mim.

Assim conclui mais uma etapa. Mesmo com as dificuldades, não desisti. Olhando o passado percebo que sou vitoriosa, porque não deixei meus problemas me vencerem e lutei para vencê-los, com a ajuda de Deus, meus familiares e meus professores que todos os dias faziam parte da minha história.

3- HISTÓRIA PROFISSIONAL - A BUSCA POR UM SONHO

Ao terminar o ensino médio, meu desejo era cursar uma faculdade, nesse momento ainda não tinha certeza da área que queria atuar. Desde então sempre fiz o ENEM, mas não conseguia passar, quando tive a oportunidade de me inscrever no PARFOR. A primeira vez optei por serviço social, depois história e letras/inglês. Depois que trabalhei com uma turma de educação infantil, senti o desejo de buscar formação nessa área. Diante dessa necessidade, a partir de 2013 passei a me inscrever no curso de pedagogia, finalmente consegui ser aprovada.

No ano de 2008, dois anos após ter concluído o ensino médio, apareceu uma oportunidade de trabalhar em uma escola, com uma turma de jovens e adultos, na própria comunidade onde moro. Foi aí que começou minha carreira como professora com a idade de 20 anos.

A escola possuía apenas uma sala de aula. Aonde antes dessa turma, funcionava apenas nos turnos manhã com alunos do 1º e 2º ano e a tarde 3º e 4º. A turma da EJA tinha matriculados vinte alunos, sendo dezesseis alunos da 1ª etapa e quatro da 2ª etapa. Além da multissérie, os alunos tinham desde 18 anos até 50 anos de idade.

No início, achava que os alunos não teriam muitas dificuldades de aprendizagem, devido ao fato de serem adultos. Depois compreendi que eram trabalhadores, que já chegavam fadigados de uma longa jornada de trabalho. As mulheres eram mães de famílias, muitas delas iam para escola e levavam os filhos todos os dias.

Alguns não conheciam nem as letras dos seus nomes, porque, infelizmente, não tiveram acesso à escola na idade certa, por várias situações. Então, fui entendendo cada um deles e aprendendo com os mesmos que a educação não é feita só com o conhecimento do professor e sim na interação com os alunos.

A minha preocupação era “o quê” ensinar e “como” ensinar, de trabalhar aquele currículo tradicional e diante da situação, em que me encontrava, onde os alunos não conheciam nem as letras do alfabeto, sabia que não ia obter resultados satisfatório. Onde na visão tradicional, o currículo,

[...]é pensado como um conjunto de fatos, conhecimentos e informações selecionados de estoque cultural mais amplo da sociedade, para serem transmitidos às crianças e jovens nas escolas. (SILVA,2003, p.13).

As minhas práticas metodológicas dentro de sala de aula, eram iguais as quais eu vivenciei. Então reproduzia essa educação tradicional, fazendo cópias, leituras repetitivas, querendo que o aluno memorizasse para desenvolver essas habilidades.

Todas as disciplinas trabalhadas eram voltadas para o ensino da leitura e escrita dos educandos. Percebia que tudo, na maioria era em vão, meu esforço, minha dedicação, meu tempo destinado para encontrar meios, que me dessem suporte para minhas atividades, não obtinha bons resultados.

Dentro dessa situação, percebo hoje, que precisava estudar, aprimorar, especialmente, da parte teórica, pois ajudaria nesse processo de aprendizagem dos alunos.

Além da função de professora desempenhava outras funções: de merendeira e zeladora, pois limpava e organizava o espaço onde funcionava a EJA. Era uma turma encostada e o espaço era cedido para que ela funcionasse na escola e se quisesse que ficasse nesse lugar teria que se adequar as situações. A turma era vista com certo preconceito, até quando aconteciam as festinhas da escola esses educandos não eram convidados e isso me deixava angustiada.

As disfunções que realizava me atrapalhava, porque eu tinha de chegar cedo para fazer a merenda, para que no horário da aula, não precisasse me ausentar por muito tempo da sala. Tentamos encontrar solução, acordamos entre nós que cada dia um aluno se comprometia em fazer a merenda e ficasse responsável pela limpeza da escola, mas não deu certo, porque um certo dia o aluno roubou merenda da escola, com isso fiquei receosa e voltei a fazê-la.

Outro fator que se agravava, era a evasão escolar, pois esses alunos, não compareciam à escola durante muito tempo, para encontrar respostas, tive que ir na casa dos educandos, para compreender o que se passava, e porque eles não compareciam na escola. Para Azevedo (2011, p. 05).

O problema da evasão no país tem sido um dos maiores desafios enfrentados pelas redes do ensino público, pois as causas e consequências estão ligadas a muitos fatores como social, cultural, político e econômico, como também a escola onde os professores têm contribuído a cada dia para o problema se agravar, diante de uma prática didática ultrapassada.

Eu buscava informações com os coordenadores, mas eles também não sabiam como fazer, apenas diziam para ir dar aula, seguindo o currículo, mandado pela secretaria de Educação Semed, e seguir o livro da EJA, que não trabalha à realidade dos educandos.

Outro fator que dificultava o desenvolvimento do trabalho, estava relacionado aos problemas de vista, pois a maioria dos educandos apresentavam problemas de visão. Tentamos mudar o horário da noite para o turno da tarde, pra ver se conseguia melhores resultados.

Procurei fazer o possível para ajudar nesse processo cada aluno, todavia não foi fácil, porque a maioria estava no processo de alfabetização, nesse contexto, os alunos da 1ª etapa foram matriculados no Programa Mova Pará Alfabetizado e só depois do termino desse processo é que eles foram estudar na turma da Educação de Jovens e Adultos.

Depois dessa experiência com a turma da EJA, fui substituir uma professora, que me deu a oportunidade de trabalhar em uma turma da educação infantil. Era uma turma multissérie, jardim I e II, alunos de cinco anos de idade.

A escola possuía três salas de aula, uma secretaria, uma cozinha, banheiros bem organizados, uma sala de informática. Ficava localizada em um espaço amplo e era cercada. Mesmo sem ter lidado com a educação infantil, contava com o apoio da equipe que trabalhava na escola.

No início, minha prática pedagógica era pegar os trabalhos, que a professora deixava uma matriz, reproduzir e repassar para os alunos. Atividades de cobrir, copiar em baixo, pintar, recortar, todos os dias a mesma coisa.

A maioria dos alunos eram quietos, não conversavam, sempre sentados, quando conversava com eles ficavam apenas me olhando sem dizer nada. Algo que achava interessante é que os alunos que estavam no jardim I, para realizar suas atividades precisavam de minha interferência no processo de ensino aprendizagem.

[...]a importância da atuação de outras pessoas no desenvolvimento individual é particularmente evidente em situações em que o aprendizado é um resultado claramente desejável das interações sociais[...] A intervenção do professor tem, pois, um papel central na trajetória dos indivíduos que passam pela escola (OLIVEIRA, 2002, P. 62).

O professor que trabalha com a educação infantil precisa, ser comprometido e amar verdadeiramente o que faz. As crianças nessa fase precisam de muita atenção e carinho.

Uma coisa me chamava a atenção, na hora do recreio, eles se transformavam, muitos não queriam saber nem do lanche, corriam, brincavam, subiam, desciam, conversavam. Então

percebi que precisava de uma nova proposta pedagógica, diferente da qual estava seguindo, para que meu aluno de se desenvolvesse, interagisse, não só naquele momento, mas também dentro da própria sala de aula. Nesse sentido compartilhamos com a ideia de que precisamos formar

[...]professores capazes de construir proposta pedagógica com clara intencionalidade educativa, compreendendo a importância de seu papel social no exercício da docência, independentemente da idade da criança, necessitam de uma formação teórica e prática solidamente fundamentada, que lhes permita esclarecer, em primeiro lugar, suas próprias concepções e valores, tendo autonomia para fazer suas opções[...] (Azevedo, 2007, p.174).

A educação precisa, de profissionais que trabalhem com uma visão de construir propostas pedagógicas com objetivos claros, não só no sentido de desenvolver o cognitivo, mas educar no sentir, o compromisso com o outro, é preciso também trabalhar, nos educandos, valores morais e éticos.

Sempre conversei com a coordenadora pedagógica da escola, que era formada em história e dizia para não me preocupar que iria ajudar. Dava uma matriz de atividades para trabalhar no decorrer da semana.

Muitas vezes, ficava perguntando: como me planejava para trabalhar com esse público? Então, eu ia para casa de uma colega que tinha experiência com a turma de educação infantil e também era formada em pedagogia, pegava o caderno de planejamento dela e ficava lendo os planos de aula, para poder ter um rumo como trabalhar com essa turma. Para Chotten (2007, p.55) citado por Silva (2009, P. 15),

[...] quando analisamos a prática pedagógica de qualquer professor, vemos que, por trás de suas ações, há sempre um conjunto de ideias que orienta. Mesmo quando ele não tem consciência dessas teorias, elas estão presentes. É, a partir da observação, da investigação e do contato com os professores e alunos da escola que o futuro elabora um perfil que norteará sua prática pedagógica.

Fiquei trabalhando com essa turma o ano todo. Foi uma experiência nova para minha vida profissional. A relação professor-aluno era cheia de descobertas. A cada momento não só ensinava como aprendia. Na hora da aula ou quando brincávamos, percebia o quanto era importante nesse processo de construção do conhecimento delas. Elas relatavam suas angústias por verem seus pais brigando, as brincadeiras com os familiares, em seus lares, falavam, criavam, imaginavam entre outros. Esse momento de conversar e ouvir tudo o que tinham para falar era muito gratificante.

Um acontecimento que me marcou, com essa turma foi o fato de uma aluna que tinha muito medo de ficar sozinha. Quando a mãe ou a irmã a deixavam na escola, ela chorava,

queria que ficassem com ela na sala. Depois até ficava, mas não desgrudava de mim, eu não podia dar um passo longe dela, que ela se desesperava e começava a chorar.

Depois com o tempo ganhei sua confiança, sempre que chegava na escola me contava o que acontecia na vida dela. O marido da mãe dela bebia muito e quando chegava na casa brigava e batia na mãe em alguns casos nela e na sua irmã. Muitas vezes que isso ocorria elas dormiam no meio do mato, com medo dele. Um dia ela, chegou tremendo e não queria voltar para sua casa, queria ficar na escola. Contou que ele chegou a apontar uma arma na cabeça da mãe dela.

Alguns amigos, vizinhos e até familiares da mãe dessa aluna, se interferiam, mas não adiantava. Sempre procurei conversar com as crianças e a mãe. E a mesma dizia que tinha medo dele em fazer algum mal as meninas. Onde citava o abuso sexual, já que ele ficava fora de si mesmo. Chegou um tempo que a própria vítima - a mãe - o denunciou e ele foi preso, logo depois, com a promessa que iria mudar se ela retirasse a queixa contra ele, ela acabou cedendo. E as coisas continuaram do mesmo jeito. Depois de um tempo diante da mesma situação, ela decidiu se mudar com as crianças, abandonando o mesmo e indo morar com familiares.

Foi essas experiências me levaram a refletir as práticas e o trabalho de minhas professoras anteriormente citadas, naquele momento vivenciando as dificuldades que elas enfrentavam, com turmas multisseriadas. Alunos com inúmeras dificuldades, falta de apoio pedagógico e até de órgãos competentes. Aquilo que eu achava errado nas suas ações, acabei perdendo muitas de suas atitudes e compreendendo esse processo.

Quando a escola promoveu a feira de ciências, incentivei meus alunos à apresentarem um trabalho sobre a importância da água, mesmo porque um dos projetos que a escola vinha desenvolvendo era relacionado com a preservação da água, onde os igarapés estavam cheios de lixos. No primeiro momento fiquei preocupada, achando que elas não iam dar conta, depois selecionei as alunas e conversei com os pais, apenas os pais da Maylana, da Taiane e da Érica, aceitaram o desafio, os outros os pais diziam que eram pequenos e não iam dar conta.

No dia do evento, as meninas foram excelentes, desenvolveram-se, eu me via nelas, naqueles momentos e quando os colegas visitavam o trabalho não sentiam vergonha de explicar, foi muito gratificante. Alegria para mim e para os pais, ver a alegria no olhar delas e também um motivo para os outros confiarem no potencial de seus filhos, acreditar que eles são capazes mesmos sendo crianças.

No ano de 2014, voltei a trabalhar com educandos da EJA em uma comunidade Quilombola, situada no ramal Baixo Caeté, no KM 68 da alça-viária, Moju-PA. Quando recebi o convite me interessei, pois tinha vontade de conhecer a cultura e os costumes desses povos. Entre outros fatores que tinha curiosidade, o trabalho com a cerâmica² desenvolvido pela comunidade “ Filhos do Quilombo”, como a produção de: painéis de barro, alguidar³, moringa⁴, etc...Diga de passagem, muito comentada na cidade de Moju, pois já tinha sido matéria de entrevista da rede globo no programa Globo Ciência. foto

Nesta comunidade desenvolvi meus trabalhos na escola Municipal de Ensino Fundamental Baixo Caeté, Comunidade Laranjetuba, por sinal o mesmo ano que ingressei no curso de Licenciatura em Pedagogia PARFOR, na Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba.

Era uma escola que possuía apenas uma sala de aula, funcionava apenas no turno da manhã, com uma turma do jardim ao quarto, ou seja, uma turma multissérie, com única professora e 27 alunos. Pela noite a turma de EJA com a 1ª e 2ª etapa, composta de 14 alunos. Logo no primeiro mês de trabalho com a turma, quis seguir o currículo à risca, determinada pela secretária de Educação, percebi que meus alunos não se desenvolviam e não obtinham os resultados esperados. Comecei a questionar como iria avaliá-los.

A metodologia de ensino imposta à escola baseada em atividades de cópias, ditados, acreditava que por meio da repetição meus alunos, conseguiriam se desenvolver. Percebendo essa deficiência neste método, procurei uma solução, porém parcial, que foi encontrada na utilização do uso do livro didático da EJA.

Os quilombolas apesar de terem uma proposta curricular específica, o currículo trabalhado não atende a realidade dos alunos, isso faz com que haja uma dificuldade por parte do professor em repassar os conteúdos para os alunos e a assimilação desse ensino aprendizagem por parte dos mesmos. Logo há um descontentamento e uma sensação de vazio. Além do mais, estava sendo desrespeitada a legislação específica das comunidades quilombolas como a resolução de Nº 08 de 20 de novembro de 2012 da lei 10639-3 que faz ao currículo escolar. Esse documento vem garantir a necessidade em trabalhar nas escolas quilombolas a construção de um currículo que permita aos alunos conhecerem as suas raízes históricas.

² Cerâmica- é a arte ou a técnica de produção de artefatos de objetos tendo a argila como matéria-prima.

³ Alguidar- vasilha circular feita de barro (Argila), utilizado nos rituais das religiões afro-brasileiras para fazer assentamentos.

⁴ Moringa - pote de barro para manter a água de consumo diário.

Um currículo escolar que seja construído com um olhar para diversidade cultural. Nesse caso, de acordo o que está exposto em lei sobre a atribuição dos currículos da educação básica na educação escolar quilombola, o documento traz algumas determinações como:

Art.34 o currículo da Educação Escolar Quilombola diz respeito aos modos de organização dos tempos e espaços escolares de suas atividades pedagógicas, das interações do ambiente educacional com a sociedade, das relações de poder presentes no fazer educativo e nas formas de conceber e construir conhecimentos escolares, constituindo parte importante dos processos sociopolíticos e culturais de construção de identidades.

§1º os currículos da Educação Básica na Educação Escolar Quilombola devem ser construídos a partir de valores e interesses das comunidades quilombolas em relação aos seus projetos de sociedade e de escola, definindo nos projetos políticos-pedagógicos. (BRASIL, 2012, P.34)

Em virtude do exposto é que devemos desconstruir essa proposta curricular, para uma que trate da realidade do educando. Sendo assim, o processo de ensino aprendizagem será satisfatório e prazeroso.

Um dos cursos que deu direcionamento para trabalhar com essa turma, foi a “Escola da Terra”⁵ que discutia a questão do currículo para trabalhar no campo e com Comunidades Quilombolas, e dava suporte e auxílio para exercer meu trabalho. Além de formações que participei para aprimorar meus conhecimentos, desde jornadas pedagógicas que o Município realizava, até cursos de capacitação profissional.

Os principais conhecimentos foram adquiridos ao decorrer do curso de Pedagogia, que naquele momento, faziam parte da minha vida e tudo que eu aprendia, aplicava no trabalhar em sala de aula. Foi um dos trabalhos mais gratificante com uma turma de jovens e adultos que trabalhei. Dos alunos matriculados, apenas um, nunca apareceu nas aulas, os outros continuaram perseverantes até o final do ano.

Sempre que chegava na escola, os alunos já estavam me aguardando. Mesmo com a ausência do transporte escolar, os quatro alunos que eram da comunidade África, não faltavam, faziam o percurso a pé, para não perder nada. E isso me comovia, apesar da distância da minha residência até a escola em questão, isso dava-me ânimo para continuar.

Recordo que em um certo dia, um aluno conversou comigo e pediu: “para que não abandonasse a turma, pois estavam a três meses sem aula, quando a assumi”. Essa preocupação dele era por conta da criminalidade que havia aumentado nos últimos meses na

⁵ Escola da Terra - busca promover a formação continuada de professores para que atendam às necessidades específicas de funcionamento das escolas do campo e daquelas localizadas em comunidades quilombolas; e oferecer recursos didáticos e pedagógicos.

região. Então por segurança minha, de meu irmão ou de meu pai que me conduziam de moto, decidi parar na comunidade na casa dos professores que estava localizada na vila Caeté.

Essa experiência foi legal, porque conheci professores tanto do Some do município quanto do estado e sempre trocávamos experiências. Pessoas maravilhosas, que guardo com muito carinho até hoje. A maioria dos professores por apresentarem uma longa jornada na educação contribuiu bastante na realização do meu trabalho nesta comunidade.

Diante do novo mundo acadêmico, mudei minhas práticas pedagógicas, dentro de sala de aula, até encontrar uma metodologia que atendesse e resolvesse as diferenças culturais e as dificuldades específicas de cada aluno. Meus alunos se tornaram parceiros, quando sentavam para dialogar e encontrar uma maneira de trabalhar os conteúdos com eles.

Freire valoriza imensamente o meio do educando, levando em conta sua história, cultura, a experiência do interior do aluno, não se perde nada se aproveita tudo. Sendo um ponto positivo da aprendizagem. Freire (1987, P.6)

Quando falo parceiros não foi só em relação ao currículo. Em relação a merenda escolar, a limpeza e organização do espaço, onde todos se comprometiam e as vezes eu só auxiliava. Todos os dias uma aluna ou aluno ficava responsável para fazer a merenda, quando chegava já estava pronta, eles diziam que faziam cedo para não perder um minuto de aula. Em relação a limpeza era do mesmo jeito.

Fizemos muitos eventos juntos, como era um período junino, eles culturalmente comemoravam. Nesse período tinha falecido um senhor na comunidade e eles acompanham a família durante quarenta dias. Jogavam baralho, dominó e bebiam café. Por sinal, o falecido era esposo da minha aluna Dona Batista. Então resolvemos que não íamos fazer nada, mas ela chegou e disse que não ia ficar insatisfeita, pois conhecia a importância das aulas continuarem e que era de acordo que fizéssemos o que estávamos organizando, mesmo porque nesse momento já se passava mais de vinte dias do sepultamento, ela só pediu que não tivesse música.

Fizemos bolo de macaxeira, munguzá, pipoca e tudo que tínhamos direito. E como as pessoas acompanhavam a noite, essa família e ela era minha aluna, resolvemos ir para casa dela, só que ela não sabia. Quando viu os outros alunos e eu, pensou que ia ser na escola, decidimos fazer casa dela. Ela disse que até o vazio que sentia, foi embora e aquela atitude marcou a sua vida profundamente. O mais maravilhoso é que por ser uma comunidade pequena, onde moram aproximadamente umas quarenta famílias, todos se conhecem e se envolvem.

Recordo quando os professores que nos davam aula no curso de pedagogia falavam das dinâmicas, do professor ser flexível, envolve-se com a turma, isso motivava a melhorar minhas práticas pedagógicas e a minha relação no meu trabalho a partir daquele momento.

Ao retornar no segundo semestre às atividades escolares com a turma, resolvi colocar em prática todo conhecimento adquirido no curso, queria compartilhar com eles.

O professor precisa avivar em si mesmo o compromisso de uma constante busca do conhecimento como alimento para seu crescimento pessoal e profissional. Isto poderá gerar-lhe segurança e confiabilidade na realização do seu trabalho docente. (ANGOTI, 2010, P.69)

O curso de pedagogia proporcionava forma de pensar diferenciada, onde precisava desenvolver formas de aprendizagens diferentes, que pudesse abranger diversas áreas do conhecimento, considerando cada aluno individualmente, uma ação pedagógica que fosse capaz de contemplar todas as dimensões do meu aluno, e foi essa visão e esse objetivo que voltei para trabalhar a partir daquele momento em diante.

Na semana da pátria, organizamos um evento em que todos participaram. Quando fizemos o convite achei interessante porque as pessoas que não eram alunos diziam “que tinham vergonha de participar porque não eram alunos e sempre que tinha as festinhas só era convidado pai, mãe e as crianças e os funcionários da escola”. Aquelas palavras me inquietaram, quis que todos participassem, independente se era aluno ou não.



Fig.01



Fig.02

FIGURA 01e 02: Dia da pátria com os alunos da E. M. E. F. Baixo Caeté Comunidade Laranjetuba (Moju-PA)

Fonte: Diana Nascimento (2014)

Foi algo inesperado quando as pessoas chegavam, queriam agradecer por terem sido lembradas e reconhecidas, que também faziam parte desse processo.

Outro fator interessante foi o grupo, “expedicionário do Pará”, que trabalha com ações sociais, levando informações, acompanhamento médico, cestas básicas e outros serviços. Eles selecionam uma comunidade para acompanhar e prestar serviços durante um ano. Quando vi o trabalho deles pela primeira vez que foi na comunidade em que moro, achei interessante e resolvi pedi para que a próxima fosse em laranjetuba, porque trabalhava e poderia acompanhar melhor o grupo. Através de um dos responsáveis, consegui que eles fossem acompanhar essa comunidade, antes tinha de pegar autorização do coordenador da comunidade seu Albertino Moraes, este que também era meu aluno.

Quando chegamos à recepção foi inexplicável, eles enfeitaram com objetos de sua própria cultura: paneiro⁶, peneira,⁷ tipiti⁸ e tudo que retratava os seus costumes como: castanha, açaí, cerâmica. O mais interessante é que todos da comunidade estavam aguardando a chegada do grupo. Acampávamos na própria comunidade. O grupo era composto de aproximadamente cinquenta pessoas.

Outro fato interessante era de uma família, quando havia eventos na comunidade percebemos que só alguns membros participavam, eram; a mãe e certos filhos, porém, descobrimos que um dos filhos ficava sempre em casa. Ele tinha 14 anos, não andava e nem sentava, sempre ficava no chão da casa rolando.

Fomos fazer uma visita ao menino e o grupo decidiu montar uma cadeira de roda e quando foi em dezembro do mesmo ano, foi entregue e a partir daquele momento em todos os eventos, ele estava lá junto com a família. Foi um dia muito emocionante na minha vida, que jamais vou esquecer. Como era apenas um ano em cada comunidade, nessa, o grupo acompanha até hoje.

Formamos uma turma que era o grupo mirim, 21 crianças, que foram acompanhadas durante o ano de 2015 e foi feita a colação no ano seguinte. Nesse grupo mirim descobrimos que um dos alunos, que tinha doze anos, naquele período, já havia matado um colega, quando tinha apenas oito anos de idade, porque o garoto estava brigando com a irmã dele e para defendê-la, acabou esfaqueando e matando o colega que também tinha a mesma idade no período do fato. Sempre que as crianças o via, elas diziam que ele já era assassino e não

⁶ Paneiro - é um objeto da região norte e que tem vários usos: guardar, transportar, enfeitar.

⁷ Peneira - utensílio feito de fibra vegetal para peneirar farinha de trigo, mandioca, arroz e etc.

⁸ Tipiti - espécie de prensa ou espremedor de palha trançada usado para escorrer e secar raízes, normalmente mandioca.

sabíamos o porquê. Foi nesse momento que fomos entender a história dele. Hoje é acompanhado pelos psicólogos do próprio grupo.

Todos os eventos do grupo expedicionário do Pará ocorriam conforme o nosso calendário, quando eles estavam na comunidade, a escola decidia que a nossa aula envolveria esse grupo, pois o mesmo trabalhava com vídeo motivadores e palestras com temas variados, isso era maravilhoso e atraía os alunos e também toda a comunidade. A escola ganhou um novo rumo e o rendimento dos alunos melhorou. Não deixei de trabalhar o currículo que vinha da secretaria de educação, apenas fui fazendo adaptações, apropriando os conteúdos a partir das histórias relatadas pelos próprios alunos.

Quando eu trabalhava, qualquer Disciplina, desconstruía o currículo e buscava sempre trabalhar envolvendo o meio em que o aluno vivia, levando em consideração os aspectos políticos e culturais, fazendo com que o aluno se sentisse sujeito ativo, participativo e ter a possibilidade de crescer na cultura, no social e no âmbito econômico.

[...]a escola e currículo devem funcionar como uma “esfera pública e democrática”. A escola e o currículo devem ser locais onde os estudantes tenham a oportunidades de exercer as habilidades democráticas da discussão e da participação, de questionamento dos pressupostos do senso comum da vida social. Por outro lado, os professores e as professoras não podem ser vistos com técnicos ou burocratas, mas como pessoas ativamente envolvidas nas atividades da crítica e do questionamento, a serviço do processo de emancipação e libertação. (SILVA,1999, p.54,55).

Quando eu trabalhava os assuntos da disciplina Língua Portuguesa, sempre modificava e montávamos de acordo com a realidade deles. Tentei trabalhar o texto “Canção do exílio” de Gonçalves Dias, que também era uma proposta da Escola da Terra, de modo normal e a interpretação se tornou difícil, então pedi que fizessem uma atividade, onde poderiam criar um poema, uma música, era livre e surgiram resultados significantes. Cito o poema do seu Albertino Moraes que era um aluno de 55 anos de idade;

Escola: Baixo Caeté
Professora: Eliana
Aluno: Albertino de Moraes
Data: 23/10/2014
Atividade: Canção do exílio
minha terra
Gonçalves Dias

minha terra tem
castanha que não
tem em qualquer lugar
e ela é chamada
castanha do Pará
serve para alimento
e também aperfuma.

minha terra tem
planta onde casta a baba
ela é maravilhosas tudo que
se planta mandioca e
farinha Tucupi e tacaca
e também o carimbo para
cantar e dançar tudo isso
é cultura do Pará.

Fonte: Albertino de Moraes

Trabalhar respeitando os saberes que cada educando tem, torna a aula dinâmica, prazerosa e faz com o aluno absorva melhor os conteúdos. Respeitando com isso a sua história, seus saberes e principalmente sua história e o meio em que vive.

Lembro de um aluno que não sabia ler e não conhecia as letras do alfabeto, apenas retirava do quadro, copiava do livro, escrevia seu nome, então eu me via nesse aluno, quando cursei até a quarta série. Algo me chamou a atenção, ele era um excelente professor de capoeira, trabalhava com meninos e meninas, ensaiava e apresentavam em evento.

Os conhecimentos de capoeira⁹ desse aluno contribuíram muito nas minhas aulas, pois pude contar com ele para repassar essas habilidades aos demais alunos, como também aos membros do grupo expedicionário. Com o tempo percebi que começou a reconhecer as letras, para mim foi um motivo de alegria, quando soletrava e ia formando palavras e frases, percebia que meu tempo dedicado não estava sendo em vão.

Nas aulas de matemática, sempre usava, o que plantavam, produziam, vendiam, comercializavam e até consumiam; a castanha, o açaí, a cerâmica que era vendida em eventos quilombolas, principalmente no HANGAR, a farinha de mandioca, tapioca e os produtos que eles mesmos faziam, como tipitis, paneiros, peneira e outros.

As aulas não se tornaram só interessante, mas começaram a fazer sentido na vida deles. Lembro de um aluno que retratou sobre suas vendas de açaí para atravessador¹⁰ e entregava a um preço. Com as aulas de matemática, ele percebeu que perdia um valor significativo em cada “rasa”¹¹, no entanto, com os conhecimentos de adição e subtração, ele passou a ganhar mais. Isso foi gratificante, pois pude contribuí para a sua vida social.

Esses exemplos de vida me deixavam feliz, porque as aulas levavam o aluno a pensar, refletir suas ações e com isso mudar e transformar sua realidade e o meio onde vive.

Nas aulas de história sempre trabalhei a construção de vida deles, como eram suas raízes, sua cultura, seus costumes e a história dos quilombolas.

E nas aulas de geografia: o tempo, o solo, a forma do processo de plantio da mandioca, do açaí e outras vegetações cultivadas por eles, que levando em consideração; o clima, o tempo para plantar e colher. Também se discutia como seria a produção e a comercialização desses produtos.

⁹ Capoeira - representação cultural que mistura esporte, luta, *dança*, cultura popular, música e brincadeira.

¹⁰ Atravessador - São comerciantes livres, que atuam na função de repassar o produto para outros compradores.

¹¹ Rasa - Antiga medida de secos correspondente a um alqueire.

Todas as aulas eram interessantes, mas nas aulas de arte, as coisas eram inexplicáveis, os alunos usavam caraná¹², que é extraído de uma palmeira, parecida com a árvore do miritizeiro¹³, que dá em abundância nos igarapés da região, onde eles faziam paneiros, peneiras, tipitis, a maioria dos artefatos.

Segundo o relato de umas das alunas, que fazia esses produtos com talas, citou que no caso, do tipiti, na sua localidade, apenas ela e uma senhora sabiam fazer esse produto. Que também é muito utilizado para produção de farinha de mandioca. Com isso montamos um grupo, dando assistência para que ela pudesse dar aulas e ensinar outras a aprenderem, para que essa cultura não fosse deixada de lado.

Minhas práticas metodológicas foram se consolidando a partir dos conhecimentos que fui adquirindo, se tornaram criativas, dinâmicas e inovadoras. Com isso comecei a ter novas posturas em relação ao meu trabalho.

No processo de avaliação, não utilizava só da prova, mas todo o contexto: a participação do aluno, criação, recriação do seu fazer como sujeito ativo na construção do saber.

No decorrer dos meus trabalhos realizados na comunidade Laranjetuba, fui notando que não havia integração entre a comunidade África e a referida acima, sendo que a distância entre as duas é de apenas 2km. Também percebi que isso acontecia com a comunidade do Caeté, sendo que elas faziam parte da mesma associação dos quilombos. Essa comprovação percebi no momento que havia algum evento em uma delas, as outras não se envolviam. Diante disso resolvi fazer parte do evento quilombola que ocorreu em dezembro na própria comunidade África organizado pelo professor Walbert Rodrigues do Sistema de Organização de Ensino(SOME) ÓRGÃO SEDUC. Que envolvia outras comunidades quilombolas. Meus alunos também fizeram parte desse evento. Participei na realização desse evento, que contribuiu para meu enriquecimento e entendimento de que devemos fazer mais por essas comunidades.

Ao participar desse evento me levou a compreender, que as comunidades precisam ser tratadas com uma certa especificidade, pois as mesmas devem ser incentivadas, através de uma proposta curricular a terem orgulho de serem quilombolas. Tive também a oportunidade de ficar sabendo que já existe por parte da SEDUC, através do seu departamento COPI uma

¹² Caraná - é o nome popular de uma planta da família das Arecáceas (ex-Palmáceas), também chamada de:- carandaí- buriti-bravo- buritirana- palmeira-leque-do-rio-negro.- buritizinho.

¹³ Arvoré do miritizeiro - A *árvore* de mirití, ou *miritizeiro*, nomenclatura mais popularmente utilizada no estado do Pará, cuja espécie é *Mauritia flexuosa*, é uma palmeira da família Arecacea, abundante na região de várzea, áreas alagadiças.

parceria entre as prefeituras na qual possuí comunidades quilombolas, em capacitar os docentes das semeds para aplicar essa proposta curricular que está em consonância com as legislações das comunidades quilombolas a nível federal, com material didático produzido pela própria SEDUC, como jogos lúdicos e livros didáticos. Contudo, ainda não é aplicada essa metodologia nas escolas mojuense e muito menos discutida nos encontros pedagógicos realizados pela semed-Moju.

Foi de grande relevância o meu envolvimento nesse evento e de certa forma enriquecedor para minha vida profissional, onde fui sujeito na construção de uma proposta, que também falava da realidade dessa comunidade.

Infelizmente por forças maiores não pude dar continuidade a esse trabalho, que participei nessa querida comunidade, onde não basta só conhecer os problemas é preciso uma intervenção, para mudarmos de alguma forma a realidade vivida.

As minhas experiências em salas de aulas com meus alunos, pela fala dos mesmos, muitos não gostam de ser identificados como quilombolas e alguns desconhecem os seus direitos.

Isso é uma indagação que devemos nos fazer. Como é o trato que estamos dando a eles? Será que estamos valorizando, quando falo do respeito à cultura, ao meio em que o educando vive?

Está bem claro para mim, que a proposta curricular ao longo de muitos anos não tem falado a língua desse povo, que de certa forma tem deixado de atendê-lo, como uma educação de qualidade e eficiente, distante da realidade dele e de sua cultura.

Essa turma me proporcionou muitas experiências, não apenas ensinei, mas também aprendi com os mesmos. Para mim não tem preço que pague os conhecimentos adquiridos com esses alunos.

Segundo Paulo Freire (1996, p.23) “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

O professor não só ensina os conteúdos, mas também aprende com os alunos, essa troca de experiências facilita o aprendizado e contribui com os conhecimentos de ambos.

No ano seguinte, por esta cursando Pedagogia foi trabalhar em outra escola com uma turma de 1º e 2º ano da Educação Infantil. Localizava-se do outro lado rio, meu estudo era apenas no período de férias, mas no intervalo de um semestre e outro eu sempre gostei de fazer pesquisa, em busca de mais informações, participava dos cursos que a universidade proporcionava, não apenas pela carga horária que iria precisar mais tarde, também pelos conhecimentos que ia adquirindo em cada curso. Sempre gostei de acompanhar,

principalmente, os cursos que envolve os temas relacionados à educação do campo, que é uma área que me interessa muito. Nesse caso não tinha como ir e voltar, eu tinha de ficar semanas ou até meses para poder vim a cidade, sem acesso aos meios de comunicação. Para Freire, (2003, p. 32)

Não há ensino sem pesquisa e nem pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Como me sentia isolada, solicitei à Semed transferência para outra escola, e o órgão me lotou na área da coordenação. Sendo que essa escola estava a seis meses sem responsáveis na direção, por motivos pessoais entre o diretor e a coordenadora de área, que atuavam nesta.

Logo que iniciei meu trabalho vieram os primeiros obstáculos, ao chegar na escola já havia uma funcionária exercendo o papel na qual fui indicada, ou seja, de gestora. Essa mesma funcionária não queria voltar para a sua antiga função que era de servente, logo isso causou um constrangimento a mim, porque ela achava que eu tinha pedido para tirarem da posição que atuava.

Na primeira reunião, eu estava muito apreensiva, porque naquele momento, os problemas eram desconhecidos por mim, sabia que não era um trabalho fácil, por razões do diretor das escolas do campo exercer várias funções que lhe são atribuídas.

A escola tinha duas salas de aulas, mas apenas uma poderia ser usada, a outra estava impossibilitada, motivo; fezes de morcego. Quando chovia, o cheiro ficava insuportável, não permitindo habitar nesse espaço. O banheiro era precário, a porta nem se quer, fechava. A cozinha sem segurança para guardar a merenda. O gás de cozinha não era entregue na escola e deveria ser pego em Moju de ônibus, ou de barco, de qualquer forma era algo complicado. Em suma uma escola sem nenhuma condição mínima de trabalhar e de receber os alunos, funcionários e a comunidade em geral.

Quanto ao transporte escolar era um caos. Existiam duas combis para transportar os alunos de duas comunidades, a de Laranjetuba e de Moju-Mirim. As mesmas sempre estavam superlotadas, um aluno na perna do outro, oferecendo perigos, principalmente para as crianças de três anos, pois não havia sinto de segurança e a porta sempre estava com defeito, quando ela não ficava no caminho. Diante desse contexto, avaliei que era uma escola problemática, sem o apoio da comunidade e esquecida pelo poder público.

No mês de junho os alunos ficaram sem aulas, quase o mês todo, porque uma das combi estava quebrada, e por essa razão, os alunos e os professores ficaram afastados da escola, prejudicando com isso o desenvolvimento dos mesmos. Eu tinha uma certa preocupação como os professores iriam avaliar esses alunos. Como poderia a coordenação mandar as frequências de todos os funcionários, já que não havia aula, até porque, diga-se de passagem, que os mesmos não tinham culpa. Antes do final do mês o próprio motorista me procurou na escola e senti que as palavras dele era para me intimidar, porque dizia que se as faltas fossem mandadas, eles receberiam somente parte do pagamento e não haveria como ajeitar o transporte. O problema é que aquilo era normal. Quando conversei com os pais, relatavam que isso nunca havia mudado, sempre foi a mesma coisa.

Outra situação é que no seu quadro funcional, possuía professores do Some município, turno manhã e tarde e some estado à noite, onde a maioria não ficam na localidade. Um vigia só pela noite quando aparecia e havia momentos que desaparecia meses; duas serventes, onde uma era efetiva e a outra contrato e dois motoristas que eram contratados.

A escola não tinha recurso, o conselho escolar estava desativado e como precisávamos levantar dinheiro para comprar as coisas, organizamos o encerramento do primeiro semestre com uma festa junina que tinha por objetivo angariar fundos para compra de materiais de higiene, limpeza, lâmpadas. O que havia na escola era tudo cedido pela comunidade.

Agradeço a colegas que Deus colocou em meu caminho naquele período, o professor Michel, da disciplina de matemática que ficava a semana toda na casa dos professores na comunidade próxima, chamada Caeté que me ajudou na organização, juntamente com os meus ex-alunos que estudaram no ano anterior e que estudavam nessa mesma escola no projeto Neputira¹⁴. Meu pai e minhas irmãs contribuíram nesse processo. A organização do evento teve ajuda também de: alunos do ensino médio e pais da comunidade.

Essa foi umas das formas que encontrei para resolver alguns dos problemas, que a escola vinha enfrentando, como senti a ausência no início dos funcionários. Dialoguei com a equipe, sensibilizando-os, que para resolver os problemas que a escola estava enfrentando, todos deveria abraçar essa causa para mudar essa realidade.

A relação da coordenação tem que ser a melhor possível onde todos fazem parte da organização da gestão da escola (alunos, pais, professores, coordenadores, diretores) e o trabalho conjunto permite olhar para escola e também ir além de seus muros [...]a. a cara da escola decorre da ação conjunta de todos esses. (LUCKESI,2004, p.05).

¹⁴ - Neputira - Projeto trabalha com a perspectiva da Metodologia da Pedagogia da Alternância (Tempo-Escola e Tempo- Comunidade) na modalidade EJA do Campo.

Os conhecimentos adquiridos pelo meu curso de pedagogia que corroboraram bastante para que eu tomasse atitudes coerentes diante de toda essa problemática encontrada nesta escola.

Em relação a segurança, a polícia sempre estava presente dando palestras, levando informação para combater o índice de roubo na região e principalmente na escola.

Também conseguimos junto com a comunidade se fazer presente o conselho escolar na escola, com palestras envolvendo toda comunidade local.

Outro fator era o baixo rendimento escolar dos alunos, altos índices de reprovação, principalmente, em português e matemática e nas disciplinas que envolviam leitura. Então começamos a nos organizar para montar um projeto voltado para resolver este problema. No entanto, não pude acompanhá-lo, por questões de saúde, fui transferida para outra escola. Contudo, tenho a consciência que desenvolvi dentro das possibilidades um excelente trabalho nesta escola, e apesar dos problemas, guardo boas lembranças.

Para mim essa experiência foi muito rica e gratificante, porque tinha coisas que eu desconhecia do trabalho dos coordenadores escolares, que vivi e conheci na prática, pois na prática de professor não passava essa experiência de gestão.

Apesar de se falar de uma escola democrática, onde todos tem direitos, percebi que é preciso ter conhecimentos necessários para fazer um bom trabalho. As dúvidas dos alunos naqueles momentos, também faziam parte das minhas, quando passei por esta fase.

Quando presenciei os problemas da merenda escolar, recordei da primeira escola que estudei com meus irmãos. Essas situações não me revoltam só como educadora, mas também como ser humana, pois a merenda era o único alimento de muitas crianças. Muitas chegavam à escola com fome, para alguns era o motivo para irem até a escola.

Mas também me alicercei no planejamento de trabalho, aprendido na universidade. Este me deu suporte para organizar e buscar soluções para melhorar a educação nessa escola.

O planejamento se concretiza em planos e projetos, tanto da escola e do currículo quanto do ensino. Um plano ou um projeto é um esboço, um esquema que representa uma ideia, um objetivo, uma meta, uma sequência de ações que irão orientar a prática. A ação do planejar subordina-se à natureza da atividade realizada. (LIBÂNEO, 2001, p.83).

Depois da experiência na gestão, foi trabalhar na escola Santa Ana Cristina, localizada no ramal do Pau da Isca, zona rural de Moju. Onde voltei a trabalhar com a Educação infantil, em uma turma que estava sem professora por motivos de saúde. A sua ausência trouxe sérios

problemas no desenvolvimento dos alunos. Poucas aulas, os alunos ficavam dias e até semanas sem aula.

A escola possuía quatro salas de aulas, uma secretaria, banheiros bem organizados, uma cozinha. Possuía acesso à internet, mas pouco era utilizado, pois a sala de informática não funcionava. O grupo escolar, trabalhava sempre juntos e organizados para melhorar o aprendizado dos alunos. Também tinha um aluno especial, e uma professora que trabalhava com ele. A escola demandava de uma clientela de cento e vinte alunos.

Quando assumi a turma os alunos estavam desmotivados por essas situações, então uma colega que trabalhava na escola, repassou que eu não ia ter problema, porque a turma era composta de 12 alunos, e raríssimas vezes estavam todos, havia momentos que nenhum comparecia.

O problema não era só dos alunos, havia também a insatisfação dos pais por ver seus filhos passando por aquela situação. Eu já era a quarta professora que assumia, as outras iam e depois de uns dias não se acostumavam com a turma, acabavam abandonando. Um dos motivos era porque os alunos faltavam muito e algumas crianças eram muitos rebeldes, não obedeciam, saiam da sala, não queriam fazer suas atividades, muitas não apareciam nem na escola.

No primeiro dia de aula, compareceram apenas três alunos, depois de uma semana estavam os doze alunos. Percebia que alguns alunos não respeitavam os outros colegas.



FIGURA03: Primeiro dia de aula com alunos da E.M. de E.F. Santa Ana Cristina(Moju-PA)

Fonte: Diana Nascimento (2016)

No meu primeiro momento de aula, procurava sempre fazer uma oração, pedindo a Deus, sabedoria para lidar com a turma. Percebi, então, que todos meus alunos participavam

de cultos com a família. No segundo momento, comecei a compreender a vida deles. Com diálogos fui construindo minhas aulas, não somente assuntos do currículo pronto, mas envolvendo na realidade deles.

Através desses momentos, percebi certas atitudes de preconceito com os colegas de sala. Um não segurava na mão do outro porque dizia que não gostava dele, outro não pegava na mão da colega porque era mulher e só pegava na mão de menino. No entanto, não me assustei com essas atitudes, até porque com os conhecimentos que adquirir no curso, já sabia como trabalhar, para reverter aquela situação. Procurei em minhas aulas mudar minhas práticas pedagógicas, trabalhando com o aluno os conteúdos diversificados, principalmente, as brincadeiras, os jogos e o uso do brinquedo dentro e fora da sala de aula. E assim foi cada dia, todo dia levava algo diferente. Para Lopes, 2006, p.110).

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde, representar determinado papel na brincadeira, faz com que ela se desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória e a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação, da utilização e da experimentação de regras e papéis sociais.



FIGURA 04: Brincadeiras com os alunos da escola E.de E. F. Santa Ana Cristina, após alguns dias de aula.

Fonte: Diana Nascimento (2016)

Por meio da brincadeira, a criança aprende a negociar, respeitar regras, resolver conflitos, conviver em grupos, trabalhar em equipe, dentre outros e diante do arsenal de brincadeiras que aprendi durante o curso de pedagogia, principalmente, na Disciplina de Ludicidade, logo não foi difícil encontrar a solução para resolver esta questão. Então, selecionei as brincadeiras que só podiam ser trabalhadas em grupo.

Observei que durante essas aulas, eles não se importavam com que era seus parceiros, o que interessava era participar, outra coisa interessante era que todos se envolviam ninguém queria ficar de fora.

Tivemos durante esse período, momentos marcantes, cito a peça com a música POT-POURRI I- como é bom amar- Meu mundo é lindo, de Zélia Barros Moraes” essa música me chamou a atenção, porque foram eles que escolheram e trabalhava como tema a amizade na escola. Iniciamos os ensaios e as vezes as mães participavam, isso foi muito interessante. Quando chegou nosso encerramento das aulas, coloquei o vídeo para todos assistirem, o olhar cheio de alegria e lágrimas, comoveram-me muito.

Em um mês de aula, com essa turma, só registrava a ausência dos alunos quando estavam doentes e não tinham condições de ir à escola. Essa situação me deixava muito feliz, tanto com o desenvolvimento dos alunos, quanto a satisfação dos pais. Durante as turmas de educação infantil que trabalhei, essa foi a que mais consegui desenvolver meu trabalho, pelo fato dos conhecimentos que a pedagogia me proporcionava a cada disciplina.

E isso me marcou muito, porque a maioria dos pais me procuravam para dizer que seus filhos além de estarem se desenvolvendo, sentiam satisfação de ir à escola todos os dias. Outra coisa que eu levava em consideração era o espaço que a escola oferecia, onde explorava todos, para melhor desenvolver meus alunos. Segundo Barbosa e Horn, 1998, p. 79.

Passeios, conversas, leituras com as crianças são também ótimas estratégias para se trabalhar. O ideal é utilizar todo espaço da instituição a favor da aprendizagem. Para que se possa desenvolver boas estratégias de ensino, é necessário “que haja, por parte dos adultos, uma vontade de experimentar, criar outra forma de ver, entender, conviver com as crianças”. [...] ou seja, uma boa estratégia de ensino aprendizagem vai depender da vontade e compromisso do professor para com aquela atividade.

Para avaliá-los não senti dificuldades, valorizando todos os aspectos do desenvolvimento dos alunos, nas atividades proposta, participação, envolvimento com os outros, respeito aos colegas e presença na sala de aula. Conforme afirma Hadji (2001, p. 180)

Para avaliar é preciso ter a sensação de que as coisas valem. Isto é, não poderíamos avaliar algo do qual não esperássemos nada. O ato de avaliar implica, desse modo, uma relação não diferente com o mundo, mas, capaz de responder, ou não, às expectativas.

Hoje, não sinto tanta dificuldade de trabalhar como sentia antes da minha formação, o curso me proporcionou momentos e atividades que me davam suporte para o desenvolvimento do meu trabalho. Percebo a diferença que tem meu trabalho, antes e depois da formação. A minha relação com meus alunos foi passando por um processo de transformação e mudanças, fui percebendo ao longo de minha formação e de experiências adquiridas com o tempo.

4- FORMAÇÃO ACADÊMICA: A REALIZAÇÃO DE UM SONHO

Quando entrei na turma de 2014 no curso de Licenciatura em pedagogia ofertada pelo PARFOR no Campus Universitário de Abaetetuba, da Universidade Federal do Pará(UFPA) vivenciei fatos na minha formação que foram mudando minha maneira de trabalhar com meus alunos dentro de sala de aula. Aprendi coisas que me levaram a refletir e até mudar minhas práticas metodológicas. Percebi que nas minhas práticas dentro de sala de aula faltava teoria, pois as duas tem que caminhar juntas.

O papel das teorias é iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação que permitem questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, colocar elas próprias em questionamento, uma vez que as teorias são explicáveis sempre provisórias da realidade. (PIMENTA; LIMA, 2004, P. 43)

Por mais que dedicasse ao meu trabalho, os resultados obtidos não eram satisfatórios e no âmbito de minha formação acadêmica, as atividades propostas foram marcantes e significativas, proporcionando oportunidades de transformação, na minha maneira de pensar e de agir, uma prática alicerçada com a fundamentação teórica.

Quero ressaltar que a Pedagogia transforma o indivíduo, acredito que se tivesse os conhecimentos adquiridos no curso não sentiria dificuldades no início de meu trabalho com as primeiras turmas, tanto da EJA, quanto com a educação infantil.

Atualmente, a minha prática em sala de aula só tem a melhorar, minhas expectativas foram além do esperado, não deixo de lado o currículo, mas trabalho, de acordo com a realidade do meu aluno, respeitando à cultura e o conhecimento que ele traz.

As oportunidades proporcionadas no âmbito de minha formação acadêmica, levaram a refletir sobre a educadora que eu era e a que sou hoje. Os conhecimentos adquiridos durante essa etapa foram ricos e contribuíram com essa mudança. Todas as atividades foram marcantes, porque nos traziam sempre algo inovador.

Durante esse processo de formação, a quantidade de vídeos e filmes, que nos levam a um mundo novo e cheio de imaginação. As leituras de textos levavam as mais variadas discussões que ligavam e tentavam aproximar a teoria da prática. Os seminários faziam com que trabalhasse em grupo para realização daquele trabalho. O exercício de escutar os professores e professoras e, por vezes, anotar o que eles falavam, me ajudou no diálogo e aproximação.

Entre os vários conhecimentos adquiridos durante o curso, citarei as disciplinas que me marcaram e levaram a refletir sobre minhas práticas pedagógicas e acabaram contribuindo com minhas atividades dentro de sala de aula com meus alunos.

Quero ressaltar que a partir do momento que adentrei a Universidade, já senti que não era a mesma, e tinha a certeza que os conhecimentos adquiridos no curso iriam suprir minhas necessidades dentro da sala de aula.

Durante a formação, o que mais me marcou foram as disciplinas, os conteúdos e os mais variados textos, que foram trabalhados durante todo o curso e a maneira como os professores foram conduzindo todo o processo junto com os alunos.

Citarei as disciplinas que me foram significativas: ludicidade e educação, os estágios I, II, III, IV e V, Libras e Fundamentos Históricos e Conceituais de Educação Especial, Práticas de Ensino na EJA e Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Educação de Jovens e Adultos, e Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Educação Infantil e práticas de Ensino da Educação Infantil.

A disciplina de Ludicidade e Educação me marcou muito, porque a grande quantidade de brincadeiras que foram proporcionadas, contribuíram para melhorar minhas atividades dentro de sala de aula. Apesar de trabalhar os jogos, as brincadeiras, os brinquedos, o lúdico só começou a fazer parte do meu trabalho, com o curso e principalmente com a disciplina em questão.

O brincar infantil não pode ser considerado apenas uma brincadeira superficial, sem nenhum valor, pois, no verdadeiro e profundo brincar, acordam, despertam e vivem forças de fantasias que, por sua vez chegam a ter uma ação direta sobre a formação e sobre a estruturação do pensamento da criança. Este processo natural e sadio de se processar a inteligência não é possível quando as crianças não realizam ou não conseguem mais o verdadeiro brincar. (ROJAS,2007, p.18).

Acredito que se tivesse conhecido antes o lúdico em minha prática docente, minhas aulas teriam sido atrativas, prazerosas, meus alunos teriam um outro comportamento.

Os estágios I, II, III, IV e V me deixavam apreensivas, porque nunca sabia o que iria encontrar pela frente. A oportunidade de acompanhar o trabalho de outros professores e professoras, coordenadores, de áreas diferentes das quais eu atuava, proporcionou novas experiências que levavam a ter postura e habilidade de professora, que precisa ser pesquisadora. Depois dos estágios, o que se tornava interessante era a elaboração de projetos e atividades que me permitiam compreender e problematizar as situações que vivenciava e observava nos estágios.

O estágio [...] é a atividade teórica de conhecimento, diálogo e intervenção na realidade [...], ou seja, é no contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá” (PIMENTA, 2004, p.45).

Os estágios me proporcionaram um momento de ensino aprendizagem diferenciado, todos aconteceram em lugares que eu não tinha experiência e isso foi muito gratificante para minha formação. Lembro que o primeiro foi numa creche, pude compreender como funcionava o trabalho dentro desse espaço, onde o professor precisa ser comprometido e consciente de sua prática em sala de aula. Os professores que trabalharam tiveram uma postura diferenciada, dinâmica, compreensiva e nos deram o melhor que poderiam para que o trabalho fosse positivo e não angustiante, diante de realidades desconhecidas até o momento.

A disciplina de Libras e Fundamentos Históricos e Conceituais de Educação Especial, trouxe-me um estudo significativo para minha formação. E a partir dos conhecimentos adquiridos no curso, aprendi como lidar com esse aluno. As aulas não ficaram somente em falas, diálogos ou conversas e em algumas apresentações de trabalho, contamos com a presença de uma aluna, que era surda e muda. E através do que aprendemos nas aulas, facilitava nossa comunicação com ela.

Outra coisa importante nessa disciplina, que foi ressaltado nas aulas, foi a importância da escola em receber e ensinar a todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais e outras, onde o processo de ensino / aprendizagem deve ser adaptado às necessidades dos alunos, onde a mesma tem a obrigação de receber todos que procuram, indistintamente. Segundo Goffredo (1999, p. 31)

Frente a esse novo paradigma educativo, a escola deve ser definida como uma instituição social que tem por obrigação atender todas as crianças, sem exceção. A escola deve ser aberta, pluralista, democrática e de qualidade. Portanto, deve manter as suas portas abertas às pessoas com necessidades educacionais especiais.

Sendo o papel da escola formar cidadãos que respeitem os outros, independente das diferenças sociais e culturais. O aprendizado nessa disciplina foi muito gratificante e inovador, mostrou como agir frente ao aluno com necessidades especiais.

Em relação as disciplinas Prática de ensino na EJA e Fundamentos teóricos metodológicos da Educação de Jovens e Adultos, as aulas me proporcionaram excelentes aprendizados, foram ricas em conhecimentos e as contribuições teóricas, levaram a refletir sobre minhas práticas pedagógicas com esse público.

As disciplinas Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Educação Infantil e prática de Ensino da Educação Infantil, abriram um leque para uma transformação na minha prática docente com esse público, contribuindo nas novas formas de ensinar e de aprender,

percebendo que as crianças possuem seu modo característico de olhar o mundo. Principalmente quando se fala em relação ao processo de como avaliar as crianças.

Um processo avaliativo permanente de observação, registro e reflexão, acerca do pensamento das crianças, de suas diferenças culturais e de desenvolvimento, embasador do repensar do educador sobre o fazer pedagógico. (Hoffmann,1996, p,19).

Por fim, todas as disciplinas contribuíram nas minhas reflexões e interferiram de forma positiva nas práticas pedagógicas que exercia, modificando também a concepção sobre os processos educacionais. A formação me possibilitou a realização de pesquisas, contribuindo nas atividades que realizava nas escolas em que trabalho. As mudanças são o reflexo de tudo que me foi proporcionado ao longo de minha formação.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar o presente memorial, considero que o Curso de Licenciatura em Pedagogia, com habilitação para o ensino de educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental, ofertado pelo Plano de Ações Articuladas Formação de professores da Educação Básica- PARFOR, posso afirmar que aprendi coisas novas, que o educador deve ser pesquisador sempre buscando adquirir conhecimentos teóricos para dar sentido a sua prática dentro da sala de aula. Não mudei apenas minhas práticas pedagógicas, mas também minha vida enquanto professora. hoje considero uma pessoa realizada diante de meu trabalho, faço auto avaliação a todo momento, percebi que também sempre foi pesquisadora em busca de novos conhecimentos.

As escolas possuem um importante papel na formação dos sujeitos, na construção da identidade e da autonomia de cada educando, ela precisa está preparada para atender de forma dinâmica e flexível, ajudando na construção dos saberes dos educandos. Sendo uma instituição que tem que ter um ambiente propício e prazeroso.

O professor capaz de transformar a sua realidade e a realidade a qual atua, ser comprometido com a educação, gerando em nossa sala de aula um ambiente de experiências, descobertas, conhecimentos, para que professor e aluno aprendam juntos.

A importância da prática docente capaz de construir proposta e soluções, que sejam capazes de transformar a sala de aula em um ambiente atrativo e prazeroso. No entanto, é preciso que nós professores tenhamos esse compromisso e desejo de trabalhar, levando em consideração os conhecimentos, a cultura e o meio em que o aluno vive, amenizando as angustias dos alunos e buscando soluções para as dificuldades encontradas.

Minha formação em pedagogia pelo PARFOR, me deu uma série de horizontes, as atividades realizadas no curso levaram a refletir, repensar e refazer minhas práticas. Reconheço que é preciso a construção de uma educação que venha desenvolver competências, proporcionando a formação de cidadãos críticos e reflexivo.

Agradeço a Deus por mais essa graça alcançada. Tenho toda certeza que as lutas, o cansaço, tudo que passei no decorrer dessa etapa, valeu muito na minha vida, que nada foi em vão e todo conhecimento adquirido vou levar sempre. No entanto, diante dessa conquista meu desejo é ir além, não parar, ir em busca de mais conhecimentos para melhorar minha atuação profissional cada vez mais.

6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. Campinas: Papirus, 2000.

ANGOTTI, M. **Semeando o trabalho docente**. In: OLIVEIRA, Z. M. R. de (org.) Educação Infantil: muitos olhares. São Paulo: Cortez, 2010.

ARROIO, M. G. **Indagações sobre o currículo- educandos e educadores**: seus direitos e o currículo. Brasília: Ministério da Educação / Secretária de Educação Básica, 2007.

Disponível em:<<http://www.espacoacademico.com.br/064/costa.htm>>. Acesso em:25 de fevereiro de 2018.

AZEVEDO, Francisca Vera Martins de. Causas e Consequências da evasão escolar no ensino de jovens e adultos na escola municipal “Expedito Alves”. Disponível em: <http://webserver.fanatal.com.br/revistanova/a4v2>.

AZEVEDO, H. H. O. de 2007. Implicações teórico-práticas do binômio cuidar-educar na educação infantil. **Revista Olhar de Professor**, 10(2):159-179.

BARBOSA, C.S. e HORN, M. G. S. **Organização do espaço e do tempo na escola infantil**. In: CRAIDY, C. M. e KAERCHER, G. E.P. da Silva. (org.) Educação Infantil: para que te quero. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola. Parecer CNE/CEB nº 16 de 2012. Resolução nº 08, de 20 de novembro de 2012.

CRUZ, Maria Nazaré da; FONTANA, Roseli A. C. Psicologia e trabalho pedagógico. In: _____. **O papel da brincadeira no desenvolvimento Infantil da criança**. São Paulo: Atual Editora, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOFFREDO, Vera Lúcia Flor Sénéchal. Educação: **Direitos de Todos os Brasileiros**. In: Salto para o futuro: Educação Especial: Tendências atuais Secretaria de Educação Distância. Brasília : Ministério da Educação, SEED, 1999.

HADJI, C. **Avaliação desmistificada**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

HAGE, Salomão M. **Didática e Prática de Ensino na relação com a sociedade**. Eduece- Livro 3. 04039, 2002.

HOFFMANN, J. **Avaliação na pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 1996.

LIBÂNEO, José C. **Organização e gestão de escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2001.

LOPES, V. G. **Linguagem do corpo e Movimento**. Curitiba, PR: FAEL, 2006.

LUCKESI, C. C. **Gestão Democrática da Escola, Ética e Sala de Aulas**. Disponível em: <http://www.luckesi.com.br/Acesso> em fevereiro de 2018.

OLIVEIRA, M. K. de 2002. Pensar a educação: contribuições de Vygotsky. In: CASTORINA, J. A. et al., Piaget- Vygotsky: **novas contribuições para o debate**. 6ª ed. São Paulo, Editora Ática, p. 51-84(Série Fundamentos)

OLIVEIRA, V. B. de (Org.). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

ROJAS, J. **jogos, brinquedos e brincadeiras: o lúdico e o processo de desenvolvimento infantil**. Cuiabá, Ed. UFMT, 2007.

SILVA, Rogério Bernardo da. **Análise da relação entre o discurso e a prática avaliativa do professor na EJA**. 2009. 89 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, São Paulo, 2009.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: autêntica,1999,156p.

SILVA, Tomaz. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: autêntica,2003.

ZABALA, Antoni. As relações em sala de aula: o papel dos professores e dos alunos. In:_____. **A prática educativa: como ensinar**. Tradução Ernani F. da Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.